

Discipulado em Ação

Marcos Senghi Soares

Discipulado em Ação

Como conduzir pessoas
à maturidade pelo
acompanhamento individual

1ª edição

2015



Equipando para a vida e ministério

Projeto gráfico e diagramação
Paulo Ribeiro

Revisão
Paula Domingues Tavares

Textos
Marcos Senghi Soares

Alvo Equipando
www.alvoequipando.com.br
alvo@alvoequipando.com.br

SUMÁRIO

Retornando à Grande Comissão	09
Capítulo 1 - O que é discipulado	15
Capítulo 2 - O perfil do discipulador	38
Capítulo 3 - O modelo um a um	58
Capítulo 4 - Os riscos do discipulado	81
Formando um ministério de discipuladores	93
Anexo - O Programa do Alvo para discipulado	99

capítulo 4

OS RISCOS DO DISCIPULADO

Lidar com pessoas sempre envolve um alto nível de risco. E isso é praticamente tudo que sabemos sobre este perigo. Pessoas nos surpreendem sempre, positiva ou negativamente. Quando lidamos com elas, sempre há uma possibilidade de viver uma experiência diferente das nossas expectativas, mesmo que tomemos todos os cuidados.

Na história do samaritano que descia de Jerusalém para Jericó (Lucas 10:30-37), aprendemos que para se restaurar pessoas é necessário que estejamos imbuídos de amor ao próximo e que este amor nos leva a correr muitos riscos. Ao parar para atender ao homem que fora assaltado, ele próprio estava se expondo a sofrer um novo ataque dos meliantes, que poderiam ainda estar por ali, e ficar na mesma situação ou até pior que o próprio moribundo. Além dis-

so, por pertencer a um povo odiado e desprezado pelos judeus, poderia acontecer que, depois de todo o esforço que fez para salvá-lo, ainda ouvisse impropérios do homem. Mesmo assim, ele parou sua viagem e cuidou dele até ter certeza de que ele estava em segurança.

O que vamos estudar a seguir não evita os riscos inerentes ao discipulado, mas nos prepara para enfrentá-los de uma maneira mais confortável e segura. Sempre é bom lembrarmos que nós também um dia fomos imaturos e que também estamos no processo de construção da boa obra de Deus em nós (Filipenses 1:6).

Ademais, há alguns perigos que podemos evitar, no que diz respeito à prática do discipulado. São erros que não podemos cometer, para evitar que o nome do Senhor seja envergonhado e que, ao invés de promover crescimento e santidade, ocorra o contrário.

A lista que vamos analisar não é exaustiva nem está em ordem de importância. Utilize-a como sinais de trânsito, que podem auxiliar, embora não garantam uma viagem mais segura.

1. Os resultados são imprevisíveis

Nem sempre escolhemos homens fiéis e idôneos (II Tm 2:2). Por sinal, este texto refere-se muito mais diretamente à formação de lideranças do que ao discipulado. Quando começamos um discipulado com alguém, não é possível saber se estamos diante de um futuro líder influente ou se estamos diante de alguém que em breve vai nos decepcionar por completo. Isso pode ser extremamente frustrante, mas faz parte do jogo. Jesus andou por quase três anos com os Doze. No final Judas o traiu, Pedro o negou e todos fugiram. A obra não estava completa ainda. Mas para aqueles que, como Pedro e os outros dez, aceitaram Sua graça e perdão, o Senhor deu uma nova chance e o fim dessa história todos nós conhecemos bem.

Discipular é como criar filhos. Você faz a sua parte diligentemente, mas em algum momento os filhos precisarão decidir o que fazer com tudo o que aprenderam. No final das contas, eles farão suas próprias escolhas. Nem por isso deixaremos de amá-los e de envidar todos os esforços para

fazer a nossa parte.

Recorremos novamente ao sábio Salomão:

“Plante de manhã a sua semente, e mesmo ao entardecer não deixe as suas mãos ficarem à toa, pois você não sabe o que acontecerá, se esta ou aquela produzirá, ou se as duas serão igualmente boas.”

(Eclesiastes 11:6)

Então, faça a sua parte da melhor forma que puder e deixe o resto entre seu discípulo e Deus. Cuide bem do processo. Esta é a parte que Deus vai cobrar de você. Os resultados não são de sua responsabilidade.

2. Os resultados podem demorar

É muito comum que os frutos custem muito mais a aparecer na vida do que estaremos dispostos a esperar. Pessoas não são programáveis como máquinas de fazer pão: você coloca os ingredientes, seleciona o horário e pronto! Seu pão vai estar assado e quentinho na hora certa. Os seres humanos não funcionam desse jeito. Eles são imprevisíveis e

muitas vezes instáveis. Por isso, não desista na primeira falha, seja sua ou do discípulo. Não tente colher frutos antes da hora. Não queime etapas. Um homem de Deus não aparece de uma hora para outra. Quem tem pressa, deve procurar outra coisa para fazer que não o discipulado cristão.

Como já consideramos mais cedo neste capítulo, existem situações extremas em que há necessidade até mesmo de se interromper um programa de discipulado individual, mas em qualquer caso, mesmo nos mais graves, esta nunca deve ser a primeira atitude a ser tomada. A maioria dos casos ficará dentro de uma margem normal de tempo de maturação.

Discipulado não é tarefa para quem tem pressa (I Coríntios 4:5).

3. A empatia entre discípulo e discipulador

Se o conceito de discipulado está intimamente ligado a relacionamento, no modelo um a um ele é simplesmente indispensável. Em um grupo pequeno, uma pessoa consegue “suportar” um discipulador com que ela não se identifique totalmente. Mas no discipulado individual, isso é

praticamente impossível de acontecer. Esta identificação é fundamental para o sucesso no discipulado. Podem ocorrer situações em que ela desapareça (em função, por exemplo, de algum atrito ou quebra de confiança) ou pode até mesmo nunca ter existido.

É importante tomar muito cuidado para não permitir que essa situação leve a um desgaste tão grande que provoque um rompimento e a conseqüente paralisação do discipulado. Se chegar a esse ponto, vai afetar não apenas o programa atual, mas pode criar uma barreira permanente em relação ao discipulado com qualquer outro discipulador. Em último caso, é melhor que haja a troca de discipulador do que a insistência em manter uma relação que não flui.

Leve isso em conta ao iniciar o processo. A dica é óbvia: tanto quanto possível, procure fazer discipulado com pessoas com quem você já tem ou imagina ter maior identificação.

4. O custo do amor sacrificial

Nosso maior e mais perfeito padrão e modelo para discipulado é ninguém menos do que o Senhor e Mestre Jesus Cristo. Ele literalmente deu a sua vida em favor de seus amigos, não apenas na Sua morte vicária (substitutiva), mas, enquanto esteve com eles, dedicando-se totalmente a moldar seu caráter e marcar suas vidas para sempre (João 5:12-13).

Discipulado, não custa repetir, é acima de tudo relacionamento. Num relacionamento você deve estar mais interessado a oferecer do que a receber algo em troca. Discipulado baseia-se no amor ágape e na mutualidade (I Coríntios 13:4-7). Quem não estiver disposto a pagar esse preço vai ficar pelo caminho.

Você não vai carregar seu discípulo nas costas a vida inteira, mas precisa estar pronto a fazer isso, se for necessário. Ninguém deve pensar em investir na vida de alguém se não estiver pronto para pagar este alto custo.

5. Envolvimento indevido ou inconveniente

Por melhores que sejam as intenções, recomendamos que o discipulado individual seja sempre desenvolvido entre pessoas do mesmo sexo. Um dos objetivos do processo é gerar intimidade entre as partes; se o discipulado ocorrer entre um homem e uma mulher, uma entre duas coisas vai acontecer: ou não haverá esta intimidade (por uma resistência natural, de recato e privacidade) ou poderá desembocar em um nível insustentável para ambos.

Nenhuma das duas situações é desejável, podendo esta última, inclusive, tornar-se perigosa ou até reprovável. Não confie, portanto, na invulnerabilidade de um discipulador. A astúcia do inimigo e o oportunismo da nossa carne nunca devem ser subestimados.

6. A influência exercida pelo discipulador

Um discipulador é um instrutor, um aio, um tutor. Como tal, ele exerce grande influência na vida das pessoas que discipula. Esta é uma posição de muita responsabilidade. O

discipulador cristão tem como único objetivo fazer com que seu discípulo seja igual a Cristo, refletindo seus valores e seu caráter.

Embora, como vimos, ele é o modelo visível de Cristo e a referência que o discípulo vai usar no início da sua caminhada, este trabalho não é feito para formar uma multidão de fãs e admiradores pessoais, nem de um rebanho particular de seguidores sobre o qual se exerça domínio e propriedade.

Seria impensável, mas o risco é real, de que um discipulador aproveite-se da relação de discipulado para obter qualquer tipo de ganho ou vantagem pessoal. Esta influência serve apenas e tão somente para glorificar a Deus, nunca para benefício próprio, em qualquer nível ou medida. Quem faz isso, certamente vai ter que se explicar com Cristo Jesus, o verdadeiro Proprietário e legítimo Senhor de todos os discípulos.

7. Confusão entre os conceitos de autoridade e liderança

Discipular é exercer um tipo de liderança. Porém, a menos que se trate de alguém que tenha sido apontado pela

igreja como um dos pastores do rebanho, um discipulador não é uma autoridade sobre a igreja, nem mesmo em relação a seus discípulos.

Decisões pastorais, portanto, devem continuar sendo tomadas pela autoridade pastoral da igreja (presbíteros ou pastores), não por conta e risco dos discipuladores. Havendo situações que envolvam o âmbito da autoridade, o discipulador deve encaminhar a questão aos presbíteros ou pastores da igreja.

É certo que um ministério de discipulado bem estruturado será uma benção para seus pastores, porque muito auxiliará na tarefa de pastorear o rebanho de Deus. Porém, os papéis e funções de cada um não devem ser misturados.



Exercícios

1. Quais destes riscos você pode controlar ou evitar?

2. Que outros riscos você acrescentaria a esta lista?

3. Você já trabalhou com pessoas que lhe surpreenderam negativamente? Como foi a experiência?

4. Você já trabalhou com pessoas que lhe surpreenderam positivamente? Como foi a experiência?

FORMANDO UM MINISTÉRIO DE DISCIPULADORES

Uma igreja madura é aquela que compreende quais são as suas áreas essenciais de funcionamento (apresentadas no Novo Testamento) e trabalha para desenvolver pessoas com vocação e treinamento para cada uma delas. Entre essas funções principais, estão o evangelismo e discipulado¹⁰. Estes ministérios são órgãos vitais para qualquer igreja. Se não funcionarem direito, a igreja fica doente e morre.

Assim, para ter êxito, não apenas em relação ao Discipulado Cristão, mas em todos os demais aspectos de sua vida, uma igreja deve formar um

¹⁰ No Alvo, chamamos essas áreas de *CEDATELB* (*Comunhão, Evangelismo, Diaconia, Adoração, Treinamento, Ensino, Liderança e Beneficência*).

grupo de trabalho – um ministério – que se responsabilize pela formação constante de novos discipuladores, liderado por pessoas de visão e habilidade para coordenar fielmente este processo. Este grupo será responsável pela formação e acompanhamento de discipuladores.

Identificadas as pessoas que tenham paixão pelo discipulado, o próximo passo deve ser agrupar essas pessoas em uma ação coordenada, que ajude a treinar e orientar os discipuladores, bem como avaliar os resultados. Esta atitude, além de dar maior eficiência ao processo, tem o efeito de mostrar à comunidade que sua liderança se preocupa e valoriza o discipulado. Assim, com o tempo, evangelizar e discipular passam a ser um estilo de vida para a igreja.

Se você é um pastor ou presbítero, uma de suas funções principais é exatamente treinar pessoas para a obra do ministério. Comece discipulando seus líderes

e futuros líderes. Estrategicamente, criar um Ministério de Discipuladores vai lhe ajudar muito nesta tarefa, porque dentro de algum tempo os convertidos que forem sendo discipulados formarão um verdadeiro celeiro de líderes e servos. É um fator multiplicador. Filhos de Deus sendo feitos discípulos vão repetir o processo indefinidamente, cumprindo assim a Grande Comissão. Não existem contraindicações para o discipulado. Você só tem a ganhar se investir nessa área.

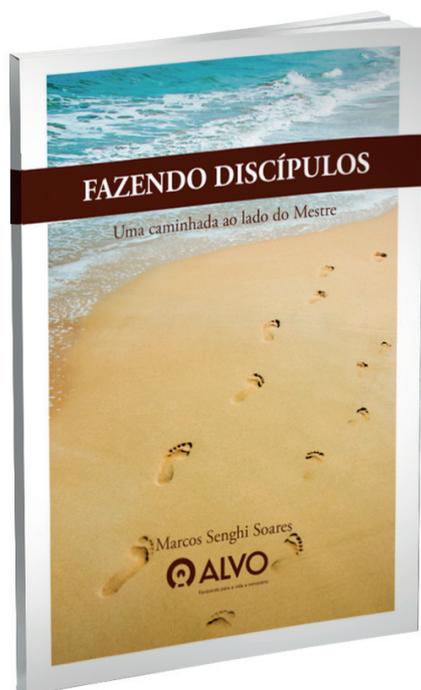
Para fazer isso, comece identificando os irmãos e irmãs que tem dons úteis para o exercício do discipulado, tais como ensino, exortação e pastoreio, por exemplo. Não existe um dom específico para quem vai discipular, mas esses citados são bastante desejáveis para o cumprimento desta tarefa. A seguir, verifique se eles se encaixam no Perfil do Discipulador (descrito no capítulo 2 deste livro). Finalmente, ofereça-lhes um treinamento para que saibam o que se espera do disci-

pulado e como eles podem começar. Uma boa pedida seria incentivar e disponibilizar este curso do Alvo para sua equipe.

Se você não faz parte da liderança pastoral e, portanto, não tem poder de decisão sobre questões ministeriais, deve pensar que mesmo que não seja criada uma estrutura formal como um Ministério de Discipulado ou similar, ainda assim você pode discipular alguém. Só não se esqueça de comunicar a sua liderança pastoral sobre isso. É importante que ninguém seja surpreendido e eventualmente o questione sobre qualquer ação ministerial na igreja. É de se esperar que seus pastores gostem e incentivem esta prática, mas há um outro lado a ser considerado: o discipulado é algo que lida com influências fortes na vida de uma pessoa. Uma liderança pastoral séria tem todo direito de saber que tipo de pessoa vai exercer esta influência na vida dos membros de sua igreja.

3. Sua igreja tem um ministério de discipulado? Se você fosse o responsável por esta área, o que consideraria necessário fazer para formá-lo ou fortalecê-lo?

Anexo - O PROGRAMA DO ALVO PARA DISCIPULADO



O Ministério Alvo desenvolveu uma revista que tem por objetivo conduzir a conversa durante um programa de discipulado. Especialmente nos ocupamos aqui do discipulado individual, através de encontros particulares, cujo objetivo é compartilhar valores e ensinamentos de Jesus.

Lembre-se de que isso será feito pelo seu exemplo, mas também pela transmissão sistemática da Palavra de Deus. O ***Fazendo Discípulos*** é um currículo, um roteiro, de maneira que no final de um tempo (geralmente em torno de 8 a 10 meses) você tenha visto com seu discípulo algumas verdades fundamentais e aplicáveis ao seu dia a dia.

Conheça a seguir suas características e receba algumas sugestões para aproveitar ao máximo o que o material pode lhe oferecer.

APRESENTAÇÃO

1. Características e finalidade

Fazendo Discípulos não é um curso para EVANGELIZAÇÃO nem um PREPARATÓRIO PARA BAPTISMO. Estas são etapas anteriores a este momento. O público alvo do ***Fazendo Discípulos*** são pessoas já salvas e batizadas, que serão acompanhadas e desafiadas a crescer em sua fé. Destacamos isso pelo simples fato de que o batismo não é abordado na revista. Portanto, não use para

essas outras finalidades, porque estes assuntos sequer são mencionados. Além disso, falamos de coisas que somente um crente pode praticar (como santificação, uso dos dons, etc). Um descrente não precisa ainda de discipulado, mas de ser evangelizado e levado aos pés de Cristo para ser salvo.

2. Divisões

O *Fazendo Discípulos* é dividido em três partes: SALVAÇÃO, SANTIFICAÇÃO E SERVIÇO. O objetivo é mostrar ao discípulo:

- a. O que Deus fez POR você – SALVAÇÃO
- b. O que Deus faz EM você – SANTIFICAÇÃO
- c. O que Deus faz ATRAVÉS de você – SERVIÇO

Assim, abordamos de maneira combinada teologia, vida prática e sua utilidade no serviço de Deus, com o propósito de mostrar que o Cristianismo é uma coisa única, indivisível, que envolve todos os aspectos da vida.

3. Conteúdo das unidades

Cada tópico ou assunto é apresentado em duas partes:

a. Fundamento doutrinário, no qual você vai encontrar alguns comentários sobre o tópico em discussão, recheado de citações e versículos, que devem ser lidos por você durante a preparação de cada encontro. **Você não precisa ficar preso aos comentários e aos versículos citados.** Desafie a si mesmo a fazer seu próprio estudo. Enriqueça seu conhecimento e aumente as possibilidades. Mas certifique-se de que todo o conteúdo programático seja ministrado. Neste ponto, normalmente o discipulador fala mais, porque está expondo o conteúdo.

b. Tarefa da semana, onde o discípulo terá que refletir e escrever alguma coisa todos os dias. Esta é a parte principal da unidade. Aqui ele vai expressar o que está entendendo, que tipo de impacto o programa está causando em sua vida, quais as dúvidas que ele tem. É quando o discípulo fala mais. **As perguntas do livro normalmente são abertas, há sempre mais de uma possibilidade de res-**

posta. O objetivo é justamente levar o aluno a uma reflexão. Não é simplesmente um “teste de certo ou errado”.

Em média, você pode gastar uma hora na primeira parte (o que vai ocupar o tempo de um encontro semanal), deixando a parte da tarefa para ser discutida num próximo encontro, quando você vai ouvir mais do que falar. Na primeira parte, sua tarefa é ensinar. Na segunda parte, sua tarefa é ouvir o máximo possível. Você vai ficar muito feliz ao ficar sabendo as descobertas que o discípulo teve enquanto estudava e lia sua Bíblia, orava, conversava com um amigo não-cristão etc.

Considere o que foi dito durante este curso, de que este tempo juntos não deve ser gasto apenas no estudo bíblico. Durante essa hora juntos, você vai orar e conversar com seu discípulo. O estudo deve fluir naturalmente, no estilo mais informal que for possível.

Se você ou sua igreja já utilizam outro material para discipulado, fique à vontade. O Ministério Alvo tem o propósito de fomentar a prática do discipulado e ficaremos felizes

se ao final deste curso você e sua igreja decidirem envolver-se com ela. Caso, no entanto, deseje conhecer nossa revista *Fazendo Discípulos*, fale com seu Líder Multiplicador ou entre em contato conosco, através do site www.ministerioalvo.com.br.

TESTEMUNHO DE QUEM JÁ FEZ



Eu nunca havia entendido o nível de amizade que existiu entre Davi e Jonatas. Até conhecer um amigo que aceitou o espinhoso desafio de se enveredar comigo para dentro da minha alma. Depois de atuar em uma série de ministérios, centrifugado pelo ativismo, resolvi dar um tempo com tudo. Pior bobagem.

Não se dá um tempo no relacionamento com Deus. Me sentia como uma cigarra com sua casca brilhando aos olhos externos, mas totalmente vazio daquilo que confere verdadeiro significado a nossa vida: a presença de Cristo. Atolado nos meus pecados de estimação, patinava em meio ao remorso e a culpa. No fundo, torcia para ser descoberto. Talvez se tudo viesse à tona eu teria uma chance de recomeçar.

No primeiro encontro do discipulado o cli-

ma era tenso. Chovia. Cheguei temeroso ao restaurante. Mas não podia desprezar aquela oportunidade de me abrir com quem aparentemente poderia confiar. Nos encontros seguintes as coisas aconteceram de maneira natural. Nossas histórias foram se entrelaçando. Passamos a chamar nossos bate-papos ironicamente de “sessões de terapia”. Mas não existe nenhum divã ou psiquiatra por perto. Tentamos juntos buscar em Cristo um bálsamo para as dores da nossa existência.

Louvo a Deus pela vida deste irmão que, saindo da sua zona de conforto, veio até mim oferecendo um ombro amigo e conselhos escorados pela Bíblia. Ele me fez entender a essência do versículo cravado em Eclesiastes 6:14 “Um amigo fiel é uma poderosa proteção: quem o achou, descobriu um tesouro”.

(Maurício Cantoni, Piracicaba/SP)